

ROBERTO
CAVALCANTI

*Como
penso*



1ª edição
João Pessoa/Paraíba
2019

Forma Editorial


Fecomércio PB
Sesc | Senac

Prefácio

*Já que a vida é tão curta, que seja vivida com intensidade.
Breve, mas jamais morna.
Não adie sonhos, não desista dos projetos,
não exista com enfado nem sonolência.*

Roberto Cavalcanti

O turinense Pitigrilli — incrível como um autor tão magnífico e que chegou a ser tão famoso sai de moda tão completamente — dizia que prefácio é aquilo que se escreve depois, se imprime primeiro, e não se lê nem antes nem depois.

Concordo inteiramente. O importante é o livro. Então, se o leitor inteligente pular estas linhas, só vai ter a ganhar, até porque elas se resumem a três palavras: amizade, admiração e gratidão.

Seja como for, vamos lá.

Eis que o empresário — o político, o homem de comunicação, o economista, o pecuarista, o aviador, o navegador, o automobilista, o pernambucano louco pela Paraíba, o eterno aluno em busca do saber, enfim, essa pessoa multifacetada que é Roberto ... — escreve!

Não é o primeiro nem há de ser o último caso, mas convenhamos que não é tão frequente. E que o empresário, neste caso, escreve bem, de forma muito agradável e não poucas vezes bem-humorada.

Não apenas escreve bem. Ama a escrita, ama essa arte, inclusive seu prelúdio, que é ler, exerce seu mister de escritor — antes, leitor — com gosto e, diria mais, paixão.

A escrita é mais uma dessas tantas facetas a que me referi.

Nos 276 artigos crônicas e demais textos sem rotulação perfeita possível que formam este livro, garimpados entre os mais de mil que o autor produziu, há de um tudo.

Economia e política, certamente. Mas cultura, tecnologia, muitas homenagens a amigos — principalmente os que partiram —, defesa da Paraíba, do Nordeste e do Brasil, viagens e muita crônica,

reflexões pessoais e meditações de alguém profundamente interessado em descobrir o mundo e se descobrir. Há reflexões sobre ética, felicidade e mesmo sobre Fé, beleza e arte, em especial música e cinema, Justiça, segurança, comunicação, coisas antigas e novas.

São pensamentos de alguém que vive sua idade mas no fundo não acredita nela:

“meus olhos podem até estar cansados de presenciar a história, mas certamente me garantem a tranquilidade de saber que cada tempo e cada conjuntura impõem o roteiro a ser seguido.”

(Em Dezenove Governos).

Um provinciano que paradoxalmente é cidadão do mundo. Um saudosista antenadíssimo com tudo quanto há de novo:

“Empinar papagaio, rodar pião, jogar bola de gude e passar a tarde de tocaia, alçapão armado, torcendo pela captura do canário cantador. Tinha ainda a lata de azeite adaptada (...) para pegar o goiamum e a confecção e soltura de balões”

(Em Analógico Versus Digital).

“Nada está me impactando mais nos últimos tempos do que os aviões sem pilotos (...).

(...)

Como o setor automotivo, o aeronáutico está investindo forte em inteligência artificial” ...

(Em Na Hora Certa)

Mas o melhor de Roberto são as facetas mais pessoais: do amigo, do homem de gestos, do marido, do pai, do avô preocupado em sê-lo bem... do sujeito que conhece peixes e quer a melhor receita para prepará-los. Do fã do milho assado, da canjica, do pé de moleque, do bolo Souza Leão, do caldinho, do churrasquinho, do arrumadinho

— *mas também da alta gastronomia. De quem aprecia do bom forró pé de serra a Paul McCartney. Do que se emociona com os versos dos grandes poetas e escritores nacionais e estrangeiros mas guarda lugar, na sua estante, para o cordel e a cantoria popular. Do ávido espectador do equilíbrio da artista japonesa, cuja habilidade busca trazer para dentro da própria vida.*

Daquele que identifica passarinhos, anda em ótimas relações com o vento e já foi até construtor de casas de madeira em pés de azeitona preta.

Seus amigos mais antigos são cheios de histórias das presepa-das que ele fazia na juventude. Contaram-me algumas, mas não vou pôr nenhuma delas neste prefácio. Vou deixar para que o protagonista as narre ele mesmo, se e quando quiser.

Como fez, com graça e picardia, em Minha Primeira Vez:

“Foi prematura, aos 10 anos. E com uma tia solteirona, que apreciava a companhia do garoto curioso. Teve muita emoção, um bocado de ansiedade criada pela expectativa — comum nesses casos — e até um bocadinho de temor”.

Mas antes que o leitor malicioso pense que está diante de um outro Vargas Llosa — esse chegou a casar com uma tia! — ele esclarece:

“deu tudo certo na minha primeira vez, experimentando essa extraordinária aventura apresentada ao mundo pelo compatriota Santos Dumont. (...). Voar, naquela época, era mais que uma aventura”...

Eu, amigo mais recente, não me espantei, porém, com esses causos. São mesmo coisas de gente inteligente e de bem com a própria vida. E Roberto é assim, porque, como ele próprio diz, o bom faz muito bem.

São Mateus diz que a boca — no caso, a pena — fala daquilo de que o coração está cheio. E é por isso que os textos de Roberto estão cheios de inteligência, de fraternidade, de amor pela sua terra e de felicidade. Porque é isso que transborda de seu coração.

Num momento de tanta divisão, tanta escaramuça inútil e tanta confusão, é imperioso ler Roberto:

*“só o burro escolhe a briga.
E acaba levando coice de seu próprio cavalo de Troia”.
(Em Burro Briga, Inteligente Compõe).*

Lê-lo, aliás, é um espanto para quem imagina ver em seus textos, recolhidos de sua coluna semanal no Correio da Paraíba, outra de suas cachaças — que eu tenho o privilégio de receber por mensagem de texto pontualmente, desse camarada tão atencioso, que não apenas não esquece o aniversário de ninguém, como até outras datas que ele sabe serem significativas para o amigo —, são meramente a produção textual de um homem de negócios. Seus escritos retratam a frase de Clarice Lispector — Decifra-me, mas não me conclua, eu posso te surpreender — que ele transcreveu no artigo Impuro.

Esse é o homem que se desvela — embora nunca completamente, pois sempre há lugar para a mudança — quando narra sua despedida do Senado Federal em O Retorno:

“tenho consciência de que empreguei todas as minhas energias e atenções para honrar a Paraíba (...).

(...)

Estou neste Estado há quarenta anos. Aqui escolhi criar filhos e netos. E meu amor por esta terra se mistura ao amor familiar (...).

Agora (...) posso voltar para onde nunca saí. E não há felicidade maior do que retornar ao convívio mais estreito da minha família (...).

Volto para minha mulher, Sandra (...). Volto para meus filhos — Alice, Beatriz, Roberto Filho, Lucas e Bruna;

para meus genros e noras: para meus netos — Maria Beatriz, Bruna, Paulino Neto, Roberto Neto, Bárbara e Maria Clara.

Volto para meus amigos; para os companheiros de trabalho; volto para meu mar, minhas praias. Volto para minha Paraíba."

Aliás, mais amor que à Paraíba, ele só declara ao pai e ídolo — o infelizmente já desaparecido antropólogo René Ribeiro, responsável por seu amor aos livros, aos barcos e à arte nordestina, em especial a de Mestre Vitalino — e à eterna musa:

"Sandra confirma, com o sorriso que continua a sacudir meu coração 20 anos depois, que sou de fato um cara muito sortudo. Saúde!"

(Em Gente Inteligente).

Roberto, eu garanto, é gente inteligente. É talento puro. É aquele que, com leveza, sabe dar o não ao não.

Encerro com uma citação — retirada de uma de suas crônicas — do grande poeta tedesco Friedrich Schiller, a propósito da relação entre o gênio e a natureza: o que o primeiro promete, a segunda certamente realiza.

Quem conhece a pessoa de Roberto, vê o que ele fez em sua história de vida e lê este livro não pode senão concluir: o alemão estava certíssimo!

Marcelo Navarro Ribeiro Dantas

Brasília, Páscoa de 2019.